



RESERVAS MUNICIPAIS
UM OLHAR NOS LEGADOS...



Em Ponta Delgada

Exposição itinerante 2019 “Reservas Municipais – Um olhar nos legados”



A exposição itinerante 2019 “Reservas Municipais - Um olhar nos legados” está patente em cinco freguesias do concelho de Ponta Delgada até meados de Setembro, mais precisamente Fenais da Luz, Capelas, Santo António, Candelária e Sete Cidades.

Trata-se de mais uma iniciativa da Câmara de Ponta Delgada inserida na política de descentralização cultural da autarquia, no âmbito do projecto “Ponta Delgada - Um concelho unido pela Cultura”.

Até 9 de Setembro, a exposição poderá ser apreciada no Centro Cultural de Fenais da Luz de Segunda a Sexta-feira, entre as 08h30 e as 12h30 e das 13h30 às 16h30.

A mostra, que engloba um total de três exposições pertencentes às reservas municipais, está patente na Junta de Freguesia de Capelas até 10 de Setembro, podendo ser visitada às segundas, Quartas e Sextas-feiras das 09h00 às 16h00 e às Terças e Quintas-feiras das 15h00 às 21h00.

Na Junta de Freguesia de Santo António, fica patente até 11 de Setembro e pode ser vista de Segunda a Sexta-feira das 09h00 às 12h00 e das 13h00 às 15h00.

“Reservas Municipais - Um olhar nos legados” está na Junta de Freguesia de Candelária até 13 de Setembro abrindo a todos os interessados de Segunda a Sexta-feira entre as 09h00 às 17h00.

Até 17 de Setembro, de Segunda a Sexta-feira, das 08h30 às 12h00 e das 13h00 às 16h30, a mostra pode ser apreciada na sede da Junta de Freguesia das Sete Cidades.

Uma História que reflete o tormentoso caminho do chá em S. Miguel



Por: Clara Estrela Rego
Engenheira*

Olá Mário

Eu adoro ler e é nos livros que habitualmente encontro a melhor companhia. Os livros que me agarram, seja pelos seus conteúdos, seja pela forma como estão escritos, seja por tudo ou por um quase nada e que me impelem a agradecer aos seus autores e a partilhar com outras pessoas, são os livros que valem a pena. Nesse contexto, já me tenho dirigido a escritores (“desconhecidos”) e amiúde aconselho e empresto livros àqueles que me são próximos. Portanto, finda a leitura do teu livro venho escrever-te, não porque mo tenhas pedido, mas porque mereces que te agradeça o trabalho e empenho que puseste nesta obra. Foi um gosto ler “História do Chá em S. Miguel – Século XIX” e estou inquieta para partilhá-lo.

Confesso-te que o tamanho assusta, mas engana-se quem se intimidar por tal. Vale a pena ler esta obra necessária, cujo conteúdo revela muito rigor, minúcia e seriedade no teu trabalho. Fizeste serviço público ao revelar o trajecto da cultura do chá em S. Miguel.

Como sempre, muni-me de um lápis que me acompanhou durante toda a leitura, e são vários os comentários, anotações, exclamações, interrogações, etc, inscritos nas margens os quais testemunham o interesse com que devorei todas as páginas.

O chá é um tema que me é muito querido, norteia o meu trabalho (a nível profissional) e a minha vida pessoal não se alheia disso, sendo invadida de tal maneira que por vezes é difícil desfrinçar o profissional do pessoal. Talvez por isso, tudo o que relatas e as hipóteses que levantas suscitaram o meu interesse.

Gostei imenso de ler sobre a viagem do chá pelo mundo fora, tal como o fizeste no capítulo 1.

Findo o capítulo 2 (São Miguel, a Ilha do chá) anotei o que a seguir transcrevo: O meu pai teria gostado muito de ler este capítulo. São citadas várias pessoas (das muitas) com quem ele gostava de conversar, nomeadamente, Sacuntala de Miranda, Fernando Aires, Mota de Sousa e Conceição Tavares.

Nos restantes capítulos está bem espelhado como foi relevante, para que o chá vingasse, a grande determinação dos principais protagonistas.

Uma vez mais, veio à tona no meu espírito o local das primeiras plantas de chá em S. Miguel, pertencentes a Jacinto Leite de Betencourt, nas Calhetas. Isso porque, hoje vivo nas Calhetas, numa propriedade que foi do referido senhor. Em tempos, tive de consultar os dados dessa propriedade, no arquivo, e não é referida a existência de chá, mas sim de vinha. Algo que não me espanta, pois a zona é de terreno pobre e junto ao mar, portanto mais adequada à vinha do que ao chá. Confesso que, para mim, teria um gosto especial saber que vivo numa propriedade com tal história, mas suspeito que terá sido noutra.

Depois, o capítulo mais focado em José do Canto, é deveras revelador do papel crucial que ele teve na evolução do chá em S. Miguel, especialmente no fim do século XIX e que se repercutiu no início do século XX. Mostras-nos como ele foi um visionário, um empreendedor, um perfeccionista que batalhou tenazmente pela excelência. Se ele não tivesse feito o que fez, talvez mais tarde outros o fizessem, mas o facto é que foi ele quem tomou a dianteira. Podemos discutir sobre as razões que o moveram, e certamente serão várias, mas uma coisa é certa, os resultados alcançados foram possíveis porque ele o fez com muita determinação, garra e paixão. E isso leva-me a reflectir sobre algo que posso corroborar, que o chá é dado a suscitar paixão.

É um livro cheio de muitas e boas informações que, infelizmente, a minha memória jamais reterá, por isso certamente a ele voltarei, uma e outra vez, para o consultar.

Resumindo Mário, a tua História reflete o tormentoso caminho do chá em S. Miguel durante o século XIX. Como qualquer história real está recheada de personagens interessantes (curiosamente nem uma feminina) e comporta episódios que reflectem sonhos, jogos de influência, adversidades, batalhas e conquistas, sucessos e fracassos, intrigas, invejas e rivalidades. É, portanto, um livro que inclui os ingredientes de um bom romance, de uma história apaixonante (a do chá), sem, contudo, ser História romaneada. Parabéns pelo que conseguiste e obrigada!

Temos de agendar um encontro para tomarmos chá e conversarmos.

Um abraço

P.S. – 1º - Não li, ainda, qualquer das críticas/opiniões que foram publicadas sobre esta tua obra.

2º - Onde se pode adquirir o livro?.

*Responsável pelas plantações de chá Índia dos Serviços de Desenvolvimento Agrário de São Miguel

